

**CRÔNICAS DE UM  
RELÓGIO  
QUEBRADO**



VANESSA RODRIGUES RABELO

**CRÔNICAS DE UM  
RELÓGIO  
QUEBRADO**



R114e Rabelo, Vanessa Rodrigues, 1992 —  
Crônicas de um relógio quebrado /  
Vanessa Rodrigues Rabelo. — Florianópolis :  
Bookess Editora, 2014.

28 p.

ISBN 978 - 85 - 448 - 0106 - 2

1. Literatura brasileira. 2. Ficção e contos brasileiros.  
I. Título.

CDD : 8869 . 3

CDU : 82 - 343



*Obra dedicada à liberdade.*



## A cerejeira

Aquele era um dia de sol. Mas Alice não tinha tempo livre para perceber isso. Sempre atarefada, corria com papéis nas mãos por todo o escritório. Tinha horário para tudo; se alimentar, descansar, iniciar e terminar. Só não tinha hora para apreciar a vida e ser feliz.

Todos queriam um pedaço da mente de Alice. Seja para resolver alguma questão difícil no trabalho, para que ela ouvisse reclamações e lamentos pessoais e tantas outras coisas. São tantas, que não caberiam escritas nesta crônica. Porém, quem fazia o mesmo por Alice? Será que a moça possuía algum amigo para ouvi-la? Ou, uma pessoa que pudesse prestar assistência com problemas no emprego?

Não, meus caros. Essas pessoas não existiam na vida de Alice.

Ela começou a ficar sobrecarregada com todas as tarefas que fazia e com os auxílios que prestava. Certo dia, a face dela amanheceu parcialmente paralisada. Então, ao passar por uma consulta médica, com estresse foi diagnosticada.

Alice não era alta nem baixa. Cabelos lisos tingidos de vermelho. Os olhos fundos e cansados apenas queriam contar com uma palavra amiga. Entretanto, recebiam o contrário. “Deixa de ser fraca, Alice! ”, “Justamente você tinha que ficar doente?!”.

Desde criança, ela era uma garota muito responsável. Não se divertia muito, os estudos e o trabalho sempre estavam a esperá-la. Contudo, poucos sabiam o que havia na cabeça de Alice. Creio que

ninguém se preocupava em saber o que a moça desejava, pensava ou sentia.

Alice, antes de adormecer, sempre pensava na morte. Isso ninguém sabia. Ela não queria morrer agora. Pelo contrário, a moça só queria saber qual o dia em que ela realmente iria viver. Ela não se sentia viva. Para onde foram meus motivos de viver? Quando sentirei a alegria da vida correr pelas minhas veias? Será que essa tristeza, um dia, virará felicidade? E, se sim, quando esse dia vai chegar? Ela sempre perguntava para si.

Era engraçado como ninguém conhecia realmente Alice. Nos aniversários dela, ninguém sabia quais as músicas preferidas da moça. Sempre a homenageavam com canções que ela não gostava. Isso aconteceu pela primeira vez quando ela tinha 16 anos. Ainda

muito novinha queria ser homenageada ao som de Nara Leão, mas tocaram uma música sertaneja que estava fazendo sucesso naquele momento. Alice não odiava esse tipo musical, mas não era o que ela queria. Na época, fez cara de quem gostou, porém, no fundo, soube que estava sozinha. Nenhum amigo conhecia a essência dela.

Alice ainda não tinha tempo para apreciar os raios de sol. Andava pelas ruas de pedra e não via que já era primavera. O velho pé de ipê cor-de-rosa estava florido. As gramas dos jardins eram muito verdes. Pobre moça, tinha tudo e nada ao mesmo momento. Belo emprego, brilhante vida acadêmica e um vazio inconsolável.

Adentrou àquela pequena porta. Outras pessoas estavam aguardando para serem consultadas. Alice de olho no celular,

sempre atendo ligações ou respondendo mensagens. O que as pessoas do escritório fariam sem ela ou os colegas de classe na faculdade, e ainda os “amigos” a serem aconselhados?

A psiquiatra de Alice estava sempre atrasada. Parecia que não ligava para horários. O contrário da moça. Por um momento, ela, que estava sentada em uma poltrona perto da porta, olhou para fora. Sorriu. Viu que o pé de cereja estava muito florido. Lembrou-se de quando era bem pequena. Quando não tinha tantos horários e nem obrigações. Antes de começar a frequentar a escola. Nesse tempo, gostava de deitar-se nas flores da cerejeira caídas ao chão. Sentia-se feliz naquela época. Percebeu que a felicidade nunca a abandonou. Foi Alice quem correu da alegria.

O celular tocava. Alice retirou o chip dele. Jogou-o no lixo. Não atenderia mais ninguém naquele dia. Estava feliz pela primeira vez em anos. Ficaria ali, apenas apreciando a cerejeira. Esqueceria que havia fugido da felicidade. Voltou para a alegria de braços abertos. Ela estava bem outra vez.

## O jardim

Valquíria caminhava pelo jardim botânico. Percebia que as flores haviam sido tratadas naquele dia. Estavam podados os galhos, úmido o chão e adubado o canteiro. A franja caía sobre os olhos dela. Cabelos cor de amêndoa e ondulados. Ela usava um casaco preto. Já era inverno.

Sentou-se em um banco. Ele ficava próximo a um pequeno lago e uma passarela coberta por flores. Colocou a mão em um dos bolsos. Retirou um pequeno espelho. Olhou para ele e viu o próprio reflexo. Perguntava-se o que havia de errado ali.

A jovem era cantora, mas não fazia sucesso. “Por quê? ” Ela sempre se questionava. “Sua música é muito

profunda e reflexiva”; “Procuramos algo mais simples e popular”; “Não queremos que as pessoas pensem”; Elas só querem dançar.” Respondiam assim para Valquíria.

Infeliz vida. Não podia fazer arte da maneira que queria. “Sua voz é doce demais”; “Suas roupas são sóbrias demais”; “Seu cabelo está curto demais”. Realmente, Valquíria era demais. Quando estava triste, como naquele dia, gostava de passear entre as flores e olhar o próprio reflexo no espelho. Só para poder entender o que havia de errado com ela.

Levantou-se. Dirigiu-se à uma estufa de plantas. Lá, era possível ver uma linha evolutiva dos vegetais. Aquilo não era simples, ela pensava. Então, por que a arte dela deveria ser? Continuava a questão. A resposta, talvez, seja que o

nosso mundo perdeu a sensibilidade de ler as entrelinhas da arte e da vida.

Valquíria sai da estufa. Voltou para o jardim. O vento frio batia no rosto dela. Olhou-se no espelho novamente. “O que há de errado?”. Através do reflexo do espelho, observou que era possível ver o reflexo das flores através dos olhos dela. A moça possuía uma percepção única. Seria por isso que ninguém compreendia a arte que produzia?

Mudou novamente de lugar. Sentou-se embaixo de uma árvore. Havia poucas flores rosadas nela ainda. O inverno é assim: sem flores e cores. Mais um vento forte soprou. As pétalas caíam sobre Valquíria. Ela então, percebeu o que aquilo significava. As flores podiam conversar com a moça. Diziam: “Siga em frente, nós gostamos quando você canta

perto de nós. É a única que nos compreende”.

Levantou-se, seguiu em frente. Parou perto de uma lixeira propícia para coleta seletiva. Jogou o espelho no compartimento para vidro. Com um sorriso no rosto, ela estava bem outra vez.

## Os raios de sol

Lúcia caminhou até a velha cômoda que estava no quarto dela. Pegou as chaves do carro. Desceu as escadas. Ninguém estava mais em casa. Segurou o vidro de remédios. Caminhou até a porta. Trancou-a. Saiu como alguém que não queria voltar.

Ela possuía um carro modelo Del Rey 1984. Era azul marinho e bem cuidado. Adentrou o automóvel. As lágrimas já corriam pelos olhos de Lúcia. Os cabelos ondulados e longos caíam pelos ombros. Não gostava do outono, odiava os ventos frios dessa época. Morava em uma cidade nas montanhas. Essa estação era triste e fria para a moça. Para proteger-se dos ventos, gostava de usar uma touca na cabeça.

Colocou o cinto de segurança. Segurou firme no volante. Ligou o carro e engatou a marcha. Dirigir naquele horário, quase sem trânsito pesado, aliviava a alma, segundo Lúcia. Ligou o velho rádio do carro. A canção melancólica que ela gostava começara a tocar.

Lúcia já estava na casa dos trinta anos. Não possuía o peso ideal para a sociedade. Sempre diziam que ela precisava emagrecer. E não era somente isso. Falavam para fazer um tratamento de pele e acabar com a acne no rosto. Pediam para que tingisse os cabelos de loiro e que usasse roupas mais contemporâneas.

O carro passava por uma rua de pedra. Desceu um pouco mais e virou para entrar em um local mais movimentado: Avenida Portugal. A região ficava próxima

de uma lagoa. Isso deixava o lugar ainda mais frio. As lágrimas continuavam a correr pelo rosto de Lúcia, juntamente com cada parte do caminho que era percorrido.

Ela passava por um clube, belas casas e um restaurante. Mas não tinha vontade de apreciar nenhum dos lugares. Todos sempre falavam o que Lúcia deveria fazer, porém não comentavam que a moça deveria parar e observar a vida. As pequenas coisas que nossa rotina louca não nos deixa perceber. A grama que cresce, as nuvens que mudam de lugar ou a intensidade do sol conforme cada estação.

Lúcia possuía uma parte da família formada por pessoas belas. Porém, somente por fora elas eram assim. Uma de suas primas ficou grávida durante a

adolescência, entretanto ainda era muito bonita e fez um excelente casamento. Representante ideal do clã, diferentemente de nossa personagem. Lúcia não se sentia próxima a nenhum deles. Sempre criticaram o que ela fazia. Nunca conseguiu preencher os padrões estabelecidos pelos parentes dela.

Sentia-se inferior, sem beleza e qualidades. Era triste viver assim. Sentindo-se como alguém sem importância. “Para quê viver?”, sempre se perguntava. Mas, como tantas outras pessoas, ela não queria morrer. Tinha vontade apenas de fugir, porém não sabia para qual lugar.

Enquanto dirigia, perguntou novamente: “Para quê viver?” O sol brilhou tão forte, que por um momento, ela não conseguia enxergar a avenida. Já ia falar mal,

quando percebeu o significado daquilo. Sorriu. Odiava o frio, mas o sol brilhava para ela. A vida dizia que em algum lugar Lúcia seria feliz. “Não desista agora”.

Desceu uma enorme rua. Parou o carro. Saiu dele e observava a lagoa. Sentia que não importava o que diziam sobre a aparência dela. De qualquer maneira, independentemente do que acontecesse, o sol ainda estaria no mesmo lugar e brilharia para ela. Olhou as horas no relógio de pulso. Viu que era hora de tomar a medicação. Porém, pegou o vidro de remédio e jogou-o no lixo. Abraçou-se e chorou de felicidade. Ela estava bem outra vez.

## As ondas do mar

Constanza era alta e magra. Cabelos tingidos de loiro. Usava uma blusa cinza-claro e uma calça branca. Trazia nas mãos uma sandália de salto agulha. Caminhava pela areia da praia. O vento forte batia nos cabelos dela. Levando-os de um lado para o outro.

Pouco antes de estar ali, tomou uma decisão importante. Decidiu que não se casaria com o pretendente dela. Era filha de uma família importante da região. Queriam que a moça vivesse junto com o filho de um importante advogado. Mas ninguém sabia o que Constanza realmente queria. Liberdade, essa é a palavra que a descrevia.

Gostava de sentir os pés afundando na areia. O barulho do mar era uma sinfonia.

O vento áspero nunca a deixava só. Parou por um momento. Abaixou-se. Lavou o rosto com a água do mar.

Sentou-se na areia. Olhava a imensidão do oceano e pensava: “O que existe dentro dele?” Tinha vontade de mergulhar. Ir às profundezas, só para descobrir o que tinha lá. Sentia-se abraçada pelas águas.

Quando disse que não iria casar, o pobre rapaz, perplexo, não quis receber o anel de noivado de volta. Constanza olhava para a própria mão. A joia brilhava forte. Era de ouro maciço, no meio havia um coração de diamante. Mas aquilo não representava o dela. Queria apreciar o desconhecido. Ir sem saber a hora de voltar.

Tirou a joia da mão. Levantou-se e jogou-a no mar. Sorria e as pessoas ao redor

não entendiam. Estava finalmente livre. Correu para o mar. Pulou nas águas. O mar envolvia todo o corpo de Constanza. Ficou em pé e jogou-se de costas e braços abertos. Não queria mais voltar. Desejava no mar para sempre morar.

Ela podia ouvir o mar. Aquele som inconfundível de liberdade. Constanza era livre. Ninguém poderia prendê-la. Partiria, não sabia quando voltaria. Dançava submersa nas águas do oceano e gritava imersa naquela imensidão: “Sou livre”. Não podiam ouvir o que dizia. Somente o oceano sabia o que o coração de Constanza falava.

Sem aliança, Constanza sorria. Naquele dia, ela voltou a ser feliz. Ela estava bem outra vez.

## CRÔNICAS DE UM RELÓGIO QUEBRADO